

António Seara Rodriguez

Vou começar por explicar porque decidi escrever sobre o Avô Seara.

Primeiro, porque toda a minha vida ouvi falar dele, pela mãe, pelas tias, por pessoas amigas, por pessoas que pontualmente conviveram com ele e até algumas vezes por antigos empregados/as que trabalharam na fábrica de alparcatas de António Seara em Belver.

Destes relatos, fiz o seu retrato na minha memória e vejo-o como um homem forte , presente, de olhar azul perscrutante e vivo, sereno e empreendedor, sobretudo um homem de grande coragem. Alguém que, muito novo, partiu à aventura, para um país que não era o seu e ao qual dedicou toda a sua vida, muito curta, mas com total empenhamento.

O tempo foi passando e reparei que a sua história de vida, como pessoa e industrial, se tinha desvanecido ao longo dos anos.

Pessoalmente, acho imperdoável, que se remeta ao esquecimento, alguém que tanto deu ao Município de Gavião, empregando na altura cerca de cento e cinquenta pessoas, na maioria mulheres. Mas o que me fez, na verdade, começar a recolher pedaços da sua história de vida, e compilar esta pequena brochura, foi ver no rosto da minha mãe, durante anos, a sua grande tristeza em não ver o seu pai reconhecido como entendia que deveria ser.

A história do meu avô conta-se em poucas palavras, a sua vida foi um livro aberto, de páginas cheias de solidariedade e um defensor da família como pedra basilar da sociedade.

De índole afável, para todos tinha um gesto amigo e aos mais desfavorecidos dava o que tinha ao seu alcance.

Apesar de tudo o que fez, a sua obra, enquanto industrial, no concelho de Gavião, foi apagada da memória colectiva, ficando apenas na lembrança dos verdadeiros amigos, da família e a sua casa/fábrica, hoje transformada em Turismo de Habitação.

Eu, como todos os outros netos, não o conheci fisicamente, mas o retrato pintado, com amor, pelas suas filhas e, no meu caso pela minha mãe, foi-me dando a possibilidade de amar e sentir saudade deste avô que, tenho quase a certeza, teria sido o melhor de todos.

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ

Tentei escrever cingindo-me aos factos, mas o amor e a saudade que se tem por alguém suplanta a racionalidade que pretendemos ter, assim, peço desculpa a todos, se me alongar e divagar um pouco, mas prefiro dar o meu contributo, com sensibilidade, em vez de apenas referir datas de forma fria e distante.

Convido-vos, então, a fazermos uma viagem pela vida do nosso avô, António Seara.

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ



O AVÔ SEARA

António Seara Rodriguez nasceu no dia 17 de Abril de 1900 em Lobaces, freguesia de Esgos-Luintra, distrito de Orense, Província de Galiza, filho de Maria Petra Rodriguez e de Manuel Seara, como se pode ver, pela certidão de nascimento, na folha seguinte.

FÓLIO 116

Nº 2544895 /03

En el Juzgado de las disa de la masa
no del día dieciocho de Mayo de mil noventa
cientos; ante D. Seara Certificación Gratuita (Ley 25/1986, de 24-12)
Santa Juez municipal Seara y D. Seara
Romancanta Secretario Seara, compareció
Seara Rodríguez natural Seara de
Seara en este termino, Seara
Seara de edad laborador
 con su cédula personal número 437
 presentándose para que se inscriba en el Registro civil un niño,
 y como parente del mismo declaró:
 Que dicho niño nació en la casa paterna en el lugar
de Lobaces el día dieciocho del ve
iente mes a las cuatro
 de la mañana
 Que es hijo legítimo de Manuel Seara
de María Rodríguez de cuarenta años,
laborador de lugar de Lobaces estado separado
 Que es nieto por línea paterna de Guil y Gallaria
Alvariz difuntos del lugar de Lobaces
 y por línea materna de María Rodríguez del
lugar de Venturín primaria de Lobaces y
de padre insoluto
 y que al expresado niño se le puso el nombre de Antonio
 Todo lo cual presenciaron como testigos Seara
Seara Romancanta testigos naturales de Lobaces
 mayores de edad, vecinos de dicho lugar de Lobaces
 Leida íntegra esta acta á las personas que la deben suscribir
 se sella con el de este Juzgado municipal, firmándola el señor Juez
declarante y testigos de que certifica
Seara Seara

La presente certificación se expide para que
 juntos en los que sea necesario probar la filiación
 SIN QUE SEA ADMISIBLE A OTROS EFECTOS
 (Art. 30 del Reglamento del Registro Civil).

Manuel Seara
Seara
Seara
Seara



Nesta lindíssima zona da Galiza, perdi-me em conjecturas, tentando imaginar como alguém de 10 anos teve a coragem de partir de um local que naquela altura estaria certamente longe de tudo, já que nos reportamos a 1910. Certo é que veio para Portugal, pela mão do pai de António Gomez, primo de seu pai Manuel Seara.

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ



ANTÓNIO GOMEZ

O filho António Gomez, tem ainda aberta a Casa Gomez, em Abrantes

Manuel Seara tinha falecido recentemente e o avô António, para ajudar a mãe, veio trabalhar para Portugal.

A família era composta por seis filhos, quatro rapazes , Anselmo, Amador, António e Aurélio e duas raparigas, Teresa e Claudina.



CASA DOS BISAVÓS PETRA E MANUEL SEARA EM LOBACES

A casa onde nasceu é uma casa de pedra, agreste mas robusta, com uma chaminé enorme, de onde se adivinha uma cozinha grande e acolhedora. Tive a sorte de lá ir e desvendar os inúmeros segredos das minhas próprias origens, a saber:

O gostar de música espanhola, o gostar de dançar e de ouvir gaitas de foles, de passear pela natureza, de me sentar e ouvir o chilrear dos pássaros e ver o campo, como o que se estende à volta de Lobaces e das suas pequenas encostas, a igreja da aldeia, o centro do fervilhar de um povo, unidos por uma arte, a de amolar tesouras, hoje quase desaparecida.



MONUMENTO AO AMOLA-TESOURAS EM LUINTRA

Em Portugal, estava já o seu irmão Anselmo, estabelecido em Abrantes com uma loja de rendas finas e retrosaria em geral, tendo o avô António ficado a ajudá-lo, vendendo rendas. Naquela altura todos os que vinham desta zona da Galiza ou eram amola tesouras ou vendedores de rendas e *lorgnons*, (*palavra de origem francesa que significa lunetas, um tipo de óculos com haste lateral, usados pelas pessoas mais abastadas*)

Este espaço, seria depois mais conhecida pela loja do Condorcet, uma vez que este se tornou o dono e se manteve em Abrantes até morrer.

O avô António tinha um feitio agradável e comportamento delicado, conquistando todos com a sua simpatia. As pessoas com quem contactava davam-lhe bens de que ele gostava, pão de trigo

quando na altura se comia e vendia mais o pão de milho e outros, mimos que agradavam a qualquer criança.

Regressou a Lobaces para ver como estavam a sua mãe e os outros irmãos, voltando a Portugal, para se estabelecer. Abriu em 1918, uma loja de rendas em Gavião. No entanto, com o fim da Monarquia e o advento da República, muitas lojas e outros sectores da vida económica ficaram fragilizados, alvo de roubos constantes, e o avô foi igualmente uma vítima, tendo ficado sem nada, aquando de um assalto que sofreu. Voltou para o pé do irmão, em Abrantes e começou a namoriscar Remédios Ferreira, uma senhora com mais de quarenta anos.

A sua irmã Claudina, não concordando com esta relação, resolveu pôr-lhe fim, contando à mãe, que fazendo valer os seus direitos de mãe espanhola, o proibiu de continuar com a relação, recusando dar-lhe autorização para o casamento.

Entretanto em Gavião, o seu amigo Justo sugeriu-lhe uma menina, Maria Adriana, mais ou menos da sua idade, e que tinha regressado de Lisboa, onde tinha estado por algum tempo em casa dos padrinhos, o tio Adriano e a tia Eugénia, este, irmão da nossa bisavó (avó velha), Maria Antónia Mota.

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ



OS AVÓS VELHOS

O avô António gostou da ideia e, sem falar com ela, acertou o namoro com o bisavô Hipólito Gueifão, tendo-se realizado o casamento em 1924.



A AVÓ ADRIANA

Os avós Adriana e António ficaram a viver numa casa situada no largo da Igreja e Câmara, que hoje é conhecida como a casa do padre. Tinham também uma loja aberta no rés-do-chão.

O seu irmão Anselmo falece e o outro irmão, Amador, casa com uma senhora espanhola, Teresa não havendo filhos desta primeira relação.

Os avós fecham, então, a loja de Gavião e regressam a Abrantes. Durante este período, a irmã do avô, Claudina, mora com eles. Mais tarde, Adriana e António voltaram a Gavião.

Entretanto, Amador separa-se de Teresa e casa com uma senhora de Belver, Joaquina Raimundo. Tiveram quatro filhos: José, Manuel, Fernando e Anselmo. Foram viver para Alferrarede, em casa do pai do Condorcet e trabalhavam na loja deste em Abrantes.

Por essa altura, casaram também as duas irmãs. A tia Claudina com um senhor dos lados de Mação Francisco Alves e tiveram dois filhos, António e Amélia. A tia Teresa com um senhor espanhol de nome Vaquerizo e tiveram cinco filhos: Anselmo, Célia, os gémeos Marina e Manolo e Glória. O irmão mais novo, Aurélio, casou com uma senhora de Lisboa, Irene Vieira e tiveram um filho, António Aurélio.

Entretanto, como a avó Adriana não queria sair de Gavião, abrem um armazém em frente da casa do pai, Hipólito Gueifão, que os ajuda financeiramente .

Mais tarde, o avô António e João Nunes Sequeira, um comerciante de Stº António das Areias, começam a vender pimentão, cominhos, tripas, etc..

Para fazer as vendas, o avô António necessitava de um ajudante . Nas suas viagens conheceu os meus bisavós da Gargantada, avós do meu pai, que tinham uma pensão e lhe disseram que o filho de uma família de ali perto precisava de trabalhar. Foi assim que António da Silva, então com dez anos, passou a viver em Gavião onde cresceu, sempre a trabalhar com o avô no armazém e ali casou com Maria Vitória, união da qual nascem o José Fernando, afilhado de baptismo da tia Regina e de um Sr. Lopes de Gavião e a Cecília.

Neste armazém, trabalhou também João Pereira, da zona dos Envendos.

Nas suas viagens, encontrou em Castelo de Vide uma fábrica de alparcatas ou alpercatas ou ainda alpargatas, quase na falência, e que o avô comprou, cujos donos eram o Sr. Parente e o Sr. José Pedro.

O avô António foi convidado, a trabalhar nesta fábrica, como gerente. Ficou lá a viver e vinha aos fins-de-semana para olhar pelo seu armazém de retém, em Gavião.

A família, agora com três filhas, Maria Teresa, Arminda e Regina, mudou-se para a vila de Castelo de Vide, mas a Arminda não se adaptou, voltou para Gavião, para a companhia dos avós, Maria Antónia e Hipólito.



AS TRÊS IRMÃS

O avô manteve-se aqui entre 1932, ano em que nasceu a mais nova das irmãs, a Maria do Carmo, e 1934. Abriu um armazém de retém, no rés do chão da sua casa, mas os negócios não resultaram e passados estes anos, voltou a Gavião.



AS QUATRO IRMÃS

Regressados, abriu sozinho uma fábrica de alparcatas com sola de corda, tendo tido o cuidado de se aconselhar, antecipadamente, com entendidos no assunto que tinham fábricas em Portalegre. Alugou, então, vários rés-do-chão, no largo da igreja e distribuiu a produção da seguinte forma:

- 1- num fazia-se a corda,
- 2- noutro cortavam-se os moldes e cosiam-se os panos,
- 3- noutro, cosia-se uma "vira" branca à volta das solas,
- 4- noutro era o armazém,
- 5- e finalmente noutro o escritório.

Todos estes locais eram propriedade de Joaquim Lino Neto, bem conhecido de todos os gavionenses e todos os dias o avô António se deslocava a Belver para despachar as encomendas. Um dia, vendo toda esta azáfama, um chefe de estação, seu amigo, perguntou-lhe se não seria melhor ter a fábrica toda junta e carregar directamente para o comboio.



BELVER ANTIGAMENTE
VISTA DO CASTELO



BELVER ACTUALMENTE

A ideia pareceu excelente ao avô e, havendo mesmo ali perto um terreno, o Covão da Abitureira, cujos donos eram de Abrantes, encetou os contactos para concretizar a compra e posterior construção da fábrica de alparcatas que foi inaugurada no dia 3 de Maio de 1937, Dia de Santa Cruz.



A JOAQUINA, USANDO UM MODELO DE ALPERGATAS



O TEJO ERA MUITO BAIXO, ANTES DA BARRAGEM
AO FUNDO A CASA SEARA E A ESTAÇÃO DE COMBOIOS
EM PRIMEIRO PLANO, AS IRMÃS E DUAS AMIGAS

A fábrica abriu com:

1- 100 operárias - as ajuntadeiras, (cujo trabalho era juntar o tecido com o formato de sapato à sola de corda), - a trabalhar no salão da casa com a função de montar os sapatos de corda;

2- 20 a 30 operários como soleiros e sapateiros;

3- 6 a 8 operárias em máquinas de costura

4- 3 máquinas de fazer tranças de corda e respectivos operadores.

Cabia às filhas mais velhas fazer a vistoria do calçado, separando o que não estivesse em condições, que era vendido como refugo, logo mais barato.

Junto com a fábrica havia ainda um armazém de retém, onde se vendia:

1- Papel Alentejano (papel para fazer cigarros), que vinha de França;



2 - Papel Luce, que vinha de Itália qualquer deles expressamente feito para a casa de António Seara

3- Tripas secas, cominhos, pimentão e tripa fresca em barricas.

PREFIRA

«O ALENTEJANO»

(MARCA PORTUGUESA)

PAPEL DE FUMAR GOMADO

TIRAGEM AUTOMÁTICA



IMPÕE-SE PELA SUA QUALIDADE SUPERIOR

PRÁTICO — HIGIÉNICO — ECONÓMICO
Levemente alcatroado, é um magnífico desinfectante das
vias respiratórias

BRINDES DE 5 ATÉ 100 ESCUDOS

Dentro dos livrinhos duplo e simples estão metidas, ao acaso, senhas que dão direito a BRINDES de 5\$00, 10\$00, 20\$00, 50\$00 e 100\$00, cujas importâncias poderão ser recebidas em qualquer vendedor deste papel ou no seu distribuidor: **António Seara**
BELVER — (Telefone N.º 4)

O PAPEL DE FUMAR
«O ALENTEJANO»

Encontra-se à venda em todas as boas tabacarias

Gostaria de frisar o sacrifício que era pedido a estes trabalhadores, que, como não havia transportes naquela época, se deslocavam- diariamente, a pé , de vários pontos do concelho de Gavião .

Como também não havia sistema de saúde, o avô António, generoso como era, continuava a pagar o ordenado dos seus empregados/as, quando eram o único suporte da casa, como se de uma baixa por doença se tratasse, evitando que as famílias passassem mais dificuldades.

O seu profundo sentimento de família levou-o ainda a ajudar muitos familiares a ultrapassar contratempos económicos e a atingir objectivos.



A AVÓ COM AS FILHAS

Era um homem amante das artes, gostava de ir ao cinema, sempre que passavam filmes, na sala ainda hoje existente em

Gavião, ou de ver as Comédias das Cebolas que tinham lugar no adro da igreja em Belver com as imagens projectadas nas paredes das casas.

A casa estava sempre cheia de amigos seus e das suas filhas e de familiares. Gostava de tocar flauta e violino e, por vezes, ao serão cantava e encantava com a sua voz de tenor.



O SEU AMIGO FRANCÊS, O FORNECEDOR DE PAPEL ALENTEJANO

A família ia muitas vezes a Lisboa para assistir às Revistas, ficando hospedada numa pensão nos Restauradores. Também

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ

gostava de touradas, não faltando a uma que se realizasse nas redondezas.

O avô António tinha um carro, que vulgarmente se chamava uma arrastadeira, mas, como não apreciava as velocidades, não ultrapassava os 50Km. Tinha ainda uma carrinha de transporte, a Latil, e uma Ford Sun, assim chamada por ser pequena.



A CARRINHA LATIL, NA ENTRADA DA CASA



Tenho pena que as fotografias sejam poucas para recordar estas antiguidades.

Era um homem afável e que gostava de viver a vida, tendo sempre em atenção o que se passava à sua volta. Só estava feliz se todos à sua volta também estivessem.

Viveu a sua vida intensamente mas o infortúnio bateu à sua porta demasiado cedo, vindo a falecer vítima de angina de peito em 1950, com a idade de 50 anos apenas.

Este livro, como expliquei no início, não pretende ser mais do que o relato do que ouvi da minha mãe, que é, no fundo, a visão sobre o seu pai, mas não posso corroborar com outros testemunhos.

No entanto, é a minha forma de homenagear o nosso avô, e, se outros testemunhos houver, que se juntem a este e dêem uma visão mais alargada da sua vida.

Eu senti-me verdadeiramente feliz ao escrever estas linhas e espero que todos se sintam como eu, ao lê-las.

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ



AS IRMÃS A QUEM DEDICO ESTE LIVRO

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ



Este texto foi redigido por Ana Cristina Seara Pires Santos Estevinha, filha de Arminda Gueifão Seara Pires e neta de António Seara Rodriguez.

Belver, 17 de Abril de 2010



ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ

LOBACES - 1900

BELVER - 1950

ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ
ANTÓNIO SEARA RODRIGUEZ